



PATRIMÔNIO AFRO- DIASPÓRICO, DESAFIOS ESTRUTURAIS E PEDAGÓGICOS NAS PRÁTICAS ANTIRRACISTAS EM SERGIPE

Alessandra Corrêa de Souza¹

*Universidade Federal de Sergipe, Programa de Pós-Graduação em Letras,
SE, Brasil.*

Murilo Santos Júnior²

Bolsista CAPES

*Universidade Federal de Sergipe, Programa de Pós-Graduação em Letras,
SE, Brasil.*

Resumo:

Este estudo tem como meta partilhar os desafios estruturais e pedagógicos da educação antirracista no Estado de Sergipe. Os objetivos específicos deste diálogo é oportunizar as ações do Portal da Cultura Afro-Sergipana, Kizomba dos Saberes e o Projeto de Pesquisa Escrivências de Mulheres Negras em Diáspora para a Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER). Como aporte teórico, destacam-se as LEIS 10.639/03 e 11.645/08; o racismo estrutural de Silvio Almeida (2018) e as memórias da plantação de Grada Kilomba (2018) A metodologia escolhida foi representar como a jornada antirracista é desafiadora, sobretudo no que concerne o currículo colonialista que é imposto aos estudantes da Universidade Federal de Sergipe e por fim aportam-se estratégias ancestrais que rasuram os obstáculos que surgem no cotidiano.

¹ Professora de Literaturas Hispânicas e Afro-brasileira do Departamento de Letras Estrangeiras da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Professora de Literaturas Afro-Latino-Americanas. Área de Concentração: Estudos Literários - Linha de Pesquisa Literatura Comparada no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL)/UFS. Professora no PROFLETRAS(Programa de Mestrado Profissional). Possui graduação em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Mestrado e Doutorado (com bolsa sanduíche PDSE/CAPES na Universidad Nacional Mayor de San Marcos, Peru) em Estudos Literários Neolatinos, também pela UFRJ. Foi professora visitante de Literatura Afro-brasileira na Universidad Nacional Mayor de San Marcos (2017). Tem experiência na área de Literaturas, com ênfase em Literatura Afro-brasileira e Hispânicas, atuando principalmente nos seguintes temas: Literaturas de mulheres negras em diáspora, Feminismo negro, Interseccionalidade, Educação antirracista e Ensino de Literaturas. Líder do Grupo de Pesquisa "Escrivências de Mulheres Negras em Diáspora"
E-mail: litteraturas2019@gmail.com / Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4691-8592>

² Graduação em Letras Vernáculas pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Atuou como bolsista COPEs no projeto de Iniciação Científica "Traduções de textos literários de Beatriz Nascimento e Severo D'Acélinio". Atualmente é mestrando em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Sergipe. Tem interesse nos estudos sobre Literatura afro-sergipana e Literatura afro-diaspórica.
E-mail: murilojuniorufs@gmail.com / Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-1182-5765>



Palavras-chave: (ERER); Lei 10.639/03; Literatura Afro-brasileira; Escrivivências; Kizomba dos Saberes.

AFRO-DIASPORIC HERITAGE, STRUCTURAL AND PEDAGOGICAL CHALLENGES IN ANTI-RACIST PRACTICES IN SERGIPE

Abstract: This study aims to share the structural and pedagogical challenges of anti-racist education in the State of Sergipe. The specific objectives of this dialogue are to provide opportunities for the actions of the Portal da Cultura Afro-Sergipana, *Kizomba dos Saberes* and the *Escrivivências de Mulheres Negras em Diáspora* Research Project for the Education of Ethnic-Racial Relations (ERER). As a theoretical contribution, LAWS 10.639/03 and 11.645/08 stand out; the *racismo estrutural* of Silvio Almeida (2018) and the *memórias da plantação* of Grada Kilomba (2018) The methodology chosen was to represent how the anti-racist journey is challenging, Especially with regard to the colonialist curriculum that is imposed on students of the Federal University of Sergipe and finally contribute ancestral strategies that scratch the obstacles that arise in everyday life.

Keywords: (ERER); Law 10,639/03; Afro-Brazilian Literature; Writings; Kizomba dos Saberes.

PATRIMONIO AFRODIASPÓRICO, DESAFÍOS ESTRUCTURALES Y PEDAGÓGICOS EN LAS PRÁCTICAS ANTIRACISTAS EN SERGIPE

Resumen: Este estudio tiene como objetivo compartir los desafíos estructurales y pedagógicos de la educación antirracista en el Estado de Sergipe. Los objetivos específicos de este diálogo es oportunizar las acciones del Portal de la Cultura Afro-Sergipana, *Kizomba dos Saberes* y el Proyecto de Investigación *Escrivivências de Mulheres Negras em Diáspora* para la Educación de las Relaciones Étnico-Raciales (ERER). Como aporte teórico, se destacan las LEYES 10.639/03 y 11.645/08; el *racismo estrutural* de Silvio Almeida (2018) y las *memórias da plantação* de Grada Kilomba (2018) La metodología elegida fue representar como la jornada antirracista es desafiante, sobre todo en lo que concierne el currículo colonialista que es impuesto a los estudiantes de la Universidad Federal de Sergipe y por fin se aportan estrategias ancestrales que rasuran los obstáculos que surgen en el cotidiano.

Palabras-clave: (ERER); Ley 10.639/03; literatura afrobrasileña; Escrivivencias; Kizomba de los Saberes.

PATRIMOINE AFRO-DIASPORIQUE, DÉFIS STRUCTURELS ET PÉDAGOGIQUES DANS LES PRATIQUES ANTIRACISTES À SERGIPE

Résumé: Cette étude vise à partager les défis structurels et pédagogiques de l'éducation antiraciste dans l'État de Sergipe. Les objectifs spécifiques de ce dialogue sont d'opportuniser les actions du Portail de la Culture Afro-Sergipana, du *Kizomba dos*



Saberes et du Projet de Recherche *Escrivências de Mulheres Negras em Diáspora* pour l'Education des Relations Ethniques-Raciales (ERER). Comme apport théorique, les LOIS 10.639/03 et 11.645/08 se distinguent; le *racismo estrutural* de Silvio Almeida (2018) et les *memórias da plantação* de Grada Kilomba (2018) La méthodologie choisie était de représenter comment le voyage antiraciste est difficile, surtout en ce qui concerne le programme colonialiste qui est imposé aux étudiants de l'Université Fédérale de Sergipe et enfin on apporte des stratégies ancestrales qui effacent les obstacles qui surgissent dans la vie quotidienne.

Mots-clés: (ERER); Loi 10.639/03 ; Littérature afro-brésilienne ; Écrits ; Kizomba dos Sabères.

INTRODUÇÃO

O patrimônio cultural é composto por monumentos, conjuntos de construções e sítios arqueológicos, de fundamental importância para a memória, a identidade e a criatividade dos povos e a riqueza das culturas. Esta composição está definida na Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural, elaborada na Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), em Paris (França), em 1972, e ratificada pelo Decreto No. 80.978, de 12 de dezembro de 1977. IPHAN

Frente a assertiva extraída do site do Iphan, problematizamos o que vem a ser Patrimônio Afro-diaspórico em nosso país, aqui, em diversos países ao redor do mundo, que receberam grandes concentrações de sujeitos que fomentaram o lucro no sistema capitalista, foram desumanizados, raptados de diversos países africanos, irmãos que foram trazidos de maneira forçada por um dos maiores genocídios de todos os tempos.

São inúmeras nações, 54 países e o maior continente em pluri-diversidades linguísticas, que aportaram ao português brasileiro, o pretuguês, as tradições orais, os orixás, os voduns, o saber ancestral de Kemet, a partir dos avanços em matemática, filosofia, história e outros saberes roubados pelos gregos e latinos que ainda insistem em afirmar que são os donos de todos os conhecimentos sequestrados de Kemet, que foi renomeado pelos ladrões por Egito.

Mas, para além das violências, destruições, furtos de minerais preciosos, temos o Coltan que é utilizado para fomentar a tecnologia do Ocidente. O Congo ainda hoje é vilipendiado em suas terras por conta do minério mais precioso que é representado por cada pessoa com seus respectivos smartphones e/ou iPhones.



Frente a esse pequeno histórico das potências que fomos e somos, do passado ao presente. Aportamos ao diálogo, as revoltas e as insurgências como a dos Malês, a das Chibatas e outras que foram alcunhadas como “revoltas”, pois a língua vigente é poder, e ela tem sido usada pelas mãos dos que detém as chaves do poder, mas que aos poucos, a partir das lutas coletivas dos Movimentos Sociais, juntamente ao (MNU) - Movimento Negro Unificado temos tido algumas pequenas vitórias como a Lei de Cotas ter sido renovada por mais dez anos em 2024, o aumento de 20 para 30 por cento as cotas nos concursos públicos, nos editais de programa de pós-graduação.

Não menos importante, cabe salientar que um dos autores deste texto é fruto de uma luta coletiva, “nossos passos vêm de longe” - parafraseando Jurema Werneck. Ele foi aprovado no último edital do PPGL (Programa de Pós-Graduação em Letras) como PPI (pretos, pardos e indígenas) e em abril já teve seu primeiro mês como bolsista CAPES, um exemplo de reparação histórica para cumprir os estudos com qualidade.

Na mesma perspectiva de pequenas alegrias da vida adulta, trazemos, a capoeira, os terreiros do candomblé e as religiões de matrizes africanas que fizeram com que o nosso patrimônio imaterial e material não fossem apagados do imaginário coletivo, por mais que tenham sido silenciados e representados historicamente a partir do olhar colonialista e da intolerância e do racismo religioso.

Instauramos como problema inicial - Como unir as potências dos patrimônios afro-diáspóricos aos avanços das Leis instauradas, assim como discorrer sobre as lutas seculares do Movimento Negro Unificado para o fomento das práticas antirracistas alinhadas aos saberes ancestrais e das manifestações culturais unidas ao ensino das literaturas afro-brasileiras e afro-latino-americanas em nosso estado?

Para fomentar possíveis hipóteses para responder o nosso problema instaurado, temos observado no decorrer dos anos, desafios estruturais e pedagógicos para o avanço das práticas antirracistas em Sergipe. Para contribuir com a assertiva, lançamos mão do texto publicado pelo presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva. A saber,

LEI Nº 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.

A partir da citação desta conquista histórica, a legislação supracitada tornou obrigatório o ensino da história e da cultura afro-brasileira e africana na educação básica.



Posteriormente, em 2008, a Lei foi reformulada e foram adicionados os povos originários, tornou-se obrigatório a temática das histórias e das culturas afro-brasileira e indígenas nas redes do ensino básico.

E o que nós, professores e professoras do ensino superior temos feito para a efetivação das Leis em tela no que concerne a educação das relações étnico-raciais em nosso estado?

Pode ser uma pergunta retórica apenas para convidar o nosso leitor a refletir conosco sobre a responsabilidade individual de cada educador ou educadora na graduação e pós-graduação que é o lugar enunciativo de uma das autoras. Como para além disso, convidar a tomada de decisão de muitos profissionais da UFS que se afirmam antirracistas até a página dois.

Visto que, no Núcleo Docente Estruturante do Curso de Letras - licenciatura em espanhol, tivemos muita resistência por parte de várias professoras que compõem a branquitude. Uma professora, chegou a me questionar, é Lei, e apenas obrigatório na educação básica. Quando problematizei a curricularização da extensão para que tivéssemos ações efetivas da educação para as relações étnico-raciais em todas as disciplinas de literaturas estrangeiras.

Visto que, as ações efetivas são mínimas, sobretudo, se vamos revisitar o currículo e os ementários das Ciências Humanas. Constatamos uma dívida histórica com as referências bibliográficas de mulheres negras e outras diversidades étnicas nos cursos de graduação e pós-graduação. Para exemplificar nossa assertiva, trouxemos o projeto de pesquisa das professoras da história Janaina Cardoso de Mello, Mariana Bracks Fonseca, juntamente com a estudante de iniciação científica: Julia Evangelino dos Santos.

No Projeto - ***“Eu não sou uma pesquisadora/autora? Interseccionalidade de raça e gênero nas ementas das disciplinas das Pós-Graduações em Ciências Humanas na UFS”*** - aprovado com bolsa Mulher na Academia IC (Pibic) no EDITAL TEMÁTICO no 02/2023 COPES/POSGRAP/UFS - 01/06/2023 a 31/12/2023 da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

As pesquisadoras da história, aportam dados relevantes em nosso diálogo sobre os desafios estruturais e pedagógicos para a instauração efetiva das práticas antirracistas em nossas instituições de ensino, o estudo visou apresentar autoras femininas negras presentes/ausentes tanto nos Programas nas Pós-Graduações em Filosofia, História e



Sociologia da Universidade Federal de Sergipe, verificaram-se as teses feitas por alunos e as referências de autorias femininas negras decoloniais por eles utilizadas.

O trabalho das professoras do curso de história será disponibilizado em nossas referências bibliográficas para consultas futuras de estudantes da educação das relações étnico-raciais. Mas de antemão, recolhemos os dados mais significativos e dividimos em 3 (três) áreas das ciências humanas: **sociologia, filosofia e história**.

Na **sociologia**, no mestrado, o programa oferta 17 disciplinas (obrigatórias e optativas). Das autorias relacionadas nas referências bibliográficas dos ementários compreendendo 241 textos ofertados, somente 67 possuem autoria feminina e destas 63 são autoras brancas (incluídas as coautorias) e 6 são autoras negras. Não há autoras indígenas.

Na **filosofia**, o Programa de Pós-Graduação de Filosofia respondeu às autoras da pesquisa que não poderiam disponibilizar o Projeto Político Curricular para as análises. Na mesma perspectiva, declararam que havia falta de diversidade de gênero e etnia, reiteraram a falta de relevância dessas recomendações efetivas para a educação das relações étnico-raciais, visto que o corpo docente é majoritariamente composto por homens brancos-cis e a escolha teórica dos professores do curso é eurocêntrica.

Na **história**, identificaram a presença de 95 referências bibliográficas, em que mais de 80 são produções masculinas e pouco mais de 10 são femininas. E de uma totalidade de 15 autorias femininas existentes no número apresentado, apenas 1 era mulher negra, Linda Heywood - *Diáspora Negra no Brasil*.

No mestrado profissional em ensino de História há sete disciplinas optativas cujos conteúdos abordam as questões de gênero, relações étnico-raciais e indígenas e africanas, pensamento decolonial e a história intelectual de mulheres negras.

Por fim, as autoras do projeto construíram uma cartilha educativa intitulada Autorias decoloniais - exibição das obras para maior conhecimento com sugestões de leituras de intelectuais plurais que vêm desenvolvendo Ciência nas universidades nacionais e internacionais e que ainda são negligenciadas em nossa universidade como: Kimberlé Williams Crenshaw, Ana Cláudia Lemos Pacheco, Kathryn Belle, Djamilia Ribeiro, Mônica Lima e Souza, Carla Akotirene, Juliana Borges, Barbara Carine Soares Pinheiro e outras.

Nosso desafio neste artigo não é apenas apontar o dedo para os problemas estruturais que temos vivenciado em nossas escritórias cotidianas, mas para além



disso, metodologicamente - traçar as estratégias de aquilombamento que temos exercido em todas as encruzilhadas que nos atravessam como professora e estudante da graduação e pós-graduação.

Trazemos o projeto *Kizomba dos Saberes* - portal da cultura afro-sergipana, financiado pela Fapitec, organizado por uma equipe de professores multidisciplinares, artistas sergipanos que vêm desenvolvendo um canal interativo de consultas para docentes, estudantes e gestores da educação básica em prol de fomentar o ensino da história afro-diaspórica.

Como também o *Projeto de Pesquisa Escrevivências de Mulheres Negras em Diáspora* que tem como líder, uma das autoras deste texto para compor as literaturas afro-latino-americana e afro-brasileira com o patrimônio cultural sergipano dos sujeitos afro-diaspóricos.

Quanto, aos objetivos específicos deste artigo, apesar dos inúmeros desafios estruturais, temos ocupados espaços e disputado lugares emancipatórios na perspectiva antirracista em nossa universidade, trazemos ao debate as ações do Portal da Cultura Afro-Sergipana, Kizomba dos Saberes e o Projeto de Pesquisa Escrevivências de Mulheres Negras em Diáspora para a Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER).

Como metodologia discursiva, dividimos o presente artigo em três seções, a saber: I - Kizomba dos Saberes - patrimônio material e imaterial a partir de um site construído para contribuir para que a escola e a gestão e os professores tenham materiais didáticos de fácil acesso para efetivação da Lei 10.639/03; II- Escrevivências de Mulheres Negras em Diáspora - Iniciação Científica; III- Clube de Leituras - Escrevivências de Mulheres Negras - Extensão - a relação entre a Universidade e a Educação básica;

I- KIZOMBA DOS SABERES

Kizomba dos Saberes foi escolhido para fomentar a discussão sobre o patrimônio cultural afro-brasileiro no estado de Sergipe, assim como observar as tensões entre a tradição e a Razão Científica, que ainda impõe a história única do Ocidente e de como se faz Ciência na universidade.

As nossas tradições orais e culturais afro-diaspóricas ainda são representadas historicamente pelo discurso oficial como folclore ou apenas como manifestações culturais, como foi bem pontuado no início de nossa introdução, quando problematizamos



o que temos desenvolvido como profissionais que atuam no ensino, pesquisa e extensão no ensino superior. A carga horária destinada pelos docentes para discorrer sobre a relevância e a importância de se trabalhar as relações étnico-raciais é ínfima, sobretudo se observarmos os dados recolhidos pelas pesquisadoras da história da UFS.

Isto é, no site Kizomba dos Saberes - portal da cultura afro-sergipana é bem interativo e inicia-se com as manifestações culturais como: barco de fogo, batalhão, batucada, caceteira, cacumbi, capoeira, chegança, guerreiro, lambe-sujo, maracatu, nagô, parafusos, pífano, reisado, reina irlandesa, samba de aboio, samba de coco, samba de pareia, são gonçalo, taieiras.

É importante destacar que *Barco de Fogo* é Patrimônio Cultural Imaterial de Sergipe, no município de Estância, assim como os Bacamarteiros que são originariamente nos municípios de Carmópolis, General Maynard e Santo Amaro, todos pertencentes à região do Vale do Cotinguiba, faz parte do circuito cultural afro-sergipano e do ciclo junino (São João e São Pedro).

O portal Kizomba dos Saberes é um portal afro-brasileiro que disponibiliza um histórico da página inicial a quem somos. Ao acessar a página <https://www.kizombadosaberes.com.br/> aparecem as manifestações culturais com imagens ilustrativas do *Barco de Fogo* até *Taieiras*, é só clicar no nome delineado na página, como por exemplo, *Samba de Coco* que temos a descrição e os municípios que compõem as diversas celebrações das culturas afro-diaspóricas em Sergipe.

Em *Atividades Educativas*, há atividades, jogos que contribuem para o ensino da educação para as relações étnico-raciais, bem como instrumentalizar professores da educação básica que necessitem de materiais didáticos de fácil acesso frente a todos os desafios do cotidiano em suas práticas pedagógicas. Assim como em manifestações culturais, em *atividades educativas*, vão do bacamarteiros ao taieiras - planos de aulas, atividades desenvolvidas para o ensino fundamental, médio com intersecções com a história, a cultura, patrimônio imaterial e cultural de Laranjeiras - Sergipe e outros municípios.

Em *Afropédia Sergipana* tem a perspectiva de reparação histórica - as mulheres e os homens negr(o)(a)s e indígenas que foram apagados da história oficial de Sergipe. Como por exemplo, o grande intelectual negro, Tobias Barreto que muitos de nossas crianças, adolescentes e jovens não o reconhecem como um afro-sergipano. Importante destacar que no *Afropédia*, os usuários podem contribuir individualmente no formulário



digital para nomear pessoas ancestrais que deveríamos ter conhecido e foram negligenciados dos livros didáticos e do acervo histórico de Sergipe.

E por fim e não menos importante, no site há o *CALENDAFRO*, o calendário afrodiaspórico dos eventos em nosso estado. A título de exemplo, dos dias 22 a 25 de março, há o Festival de Artes na Caatinga, no município de Japaratuba.

II- ESCRIVIVÊNCIAS DE MULHERES NEGRAS EM DIÁSPORA

Abro mão da minha escolha política em usar a terceira pessoa do plural, que dá significação às epistemologias que abracei enquanto uma intelectual orgânica, para apontar como o *Projeto de Pesquisa Escrivivências de Mulheres Negras em Diáspora* surgiu na Universidade Federal de Sergipe.

Em 2018, voltei do doutorado e refleti como poderia articular as ações plurais do ensino das literaturas afro-latino-americanas para que o sistema não me engolisse, visto que as práticas antirracistas ainda são muito incipientes nas universidades públicas.

E para isso contei com as estudantes do curso de Letras - Licenciatura em Espanhol do período noturno, elas pediram para que eu criasse um grupo de pesquisa para aprofundar os estudos de autorias negras que estudávamos à época nas disciplinas de literaturas hispano-americanas.

Trazer esta experiência e a provocação das minhas ex-alunas que hoje são colegas de profissão, me fez refletir sobre o papel da educação libertária de Paulo Freire e que a educação é uma relação dialógica, de trocas efetivas entre o educador e os educandos, como também forja o que bell hooks apresenta em *Ensinando a transgredir - a educação como prática da liberdade Educar para transgredir*(2013).

As ações de leituras e críticas literárias às *Escrivivências de Mulheres Negras em Diáspora* iniciaram em 13 de maio de 2018, data bem emblemática. Foi uma provocação discursiva frente ao marco do discurso oficial de negação ao protagonismo da princesa Isabel, visto que ainda vivemos uma libertação inconclusa em nosso país.

A propósito, o que é liberdade? Se o racismo estrutural e estruturante molda o consciente e o inconsciente do cidadão brasileiro, ainda somos o grupo étnico que mais morre pela mão armada do Estado. Os que ocupam historicamente, os piores lugares em moradia, lazer, alimentação, educação e outros bens de consumo. Representamos mais de 56% da população e boa parte de nossos jovens e adolescentes estão em situação de privação de liberdade ou em subempregos.



Haja visto, a contextualização inicial do projeto de pesquisa *Escrevivências de Mulheres Negras em Diáspora*, projeto vinculado ao CNPQ. Temos o utilizado como projeto guarda-chuva para as nossas ações de pesquisas e extensão na Universidade Federal de Sergipe.

Nossos Projetos de pesquisa de iniciação científica são: *Representações Literárias nas Obras de Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Yolanda Arroyo Pizarro e Mónica Carrillo e Intersecções e Memórias Coletivas a partir de Textos Literários Afro-Diaspóricos*.

No primeiro projeto tivemos **dois planos de trabalhos** vinculados que foram - *Representações Literárias nas Obras de Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo* e *Representações Literárias nas Obras de Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo*.

No segundo projeto, que está em seu segundo ano de aplicação, temos **três planos de trabalhos** que são: *Traduções dos Textos Literários de Beatriz Nascimento e Severo D'acelino, A Literatura de Cordel e a Poesia Afro-Sergipana e Cânticos de Contar Contos e Panáfrica África Iya N'la: Revisitação à ancestralidade Afro-Sergipana*.

O primeiro projeto - Representações Literárias nas Obras de Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Yolanda Arroyo Pizarro e Mónica Carrillo, foi desenvolvido entre 2020-2021.

Nossa investigação teve como objetivo principal a atualização de conhecimentos e o fortalecimento da colaboração e das publicações conjuntas entre pesquisadores do Brasil e do exterior. Reconhecemos a importância de alinhar nosso projeto de investigação com as mudanças legislativas e os questionamentos recentes no país, especialmente em relação à Lei 11.645, de 10 de março de 2008. Esta lei estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, exigindo a inclusão obrigatória da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena" no currículo oficial da rede de ensino. Assim, nossa pesquisa se vincula diretamente a essas demandas e necessidades contemporâneas, visando contribuir para a promoção de uma educação mais inclusiva e diversificada.

No contexto desta abordagem, realizamos a coleta de materiais bibliográficos relevantes para os estudos afro-latino-americanos. Dentre as autoras cujas obras foram consideradas, destacam-se Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Mónica Carrillo e Yolanda Arroyo Pizarro.



Com os estudos sobre as autoras afro-latino-americanas, exploramos e analisamos as maneiras como elas desafiaram e contribuíram com as concepções da diáspora negra. Ao oportunizar a articulação das experiências das interseccionalidades de raça, gênero e classe em seus escritos, as romancistas e poetisas contribuíram para uma compreensão mais profunda das complexidades das vivências femininas de autoria negra.

É evidente que estas vozes, que por séculos foram e ainda são marginalizadas, encontram maneiras de se expressarem e serem ouvidas e lidas, muitas vezes utilizam-se dos seus próprios recursos. Apesar de viverem à margem do consumo, estas autoras escrevem e publicam suas obras com determinação. Buscam serem reconhecidas e valorizadas. Neste contexto, o corpus desta pesquisa foi o de gerar mudanças significativas nos estudos literários em nossa universidade.

Na mesma perspectiva analítica, do que temos desenvolvido em nossa universidade, destacamos a contribuição de um dos autores deste artigo.

O presente texto é escrito, ora pela visão da professora de literaturas, ora pela ótica discursiva do estudante de graduação, à época do desenvolvimento das ações de pesquisa. Foi uma escolha política para emancipar nossas escritas de espaços discursivos diferentes, mas que são entrelaçadas por nossas escrevivências.

A saber, durante minha jornada acadêmica na graduação em Letras Vernáculas ficou evidente para mim que a literatura disponível não refletia minha identidade e experiências. Como homem negro e sergipano, comecei a questionar o papel e a representação dos alunos afro-sergipanos no contexto educacional. A falta de representatividade ficou especialmente evidente na ausência de disciplinas que se dedicassem especificamente às literaturas produzidas por sergipanos e pela diáspora africana.

Durante uma das disciplinas, ao estudarmos a obra de Umberto Eco (2003), foi enfatizada a função da literatura, na qual Eco ressalta que uma de suas funções primordiais é a construção da identidade. Essa discussão me levou a formular uma das diversas questões que surgiram em relação ao papel da literatura em minha formação acadêmica. Assim, por algum tempo não entendia o valor e a relevância da literatura para minha vida acadêmica, não existia uma conexão entre o currículo e o pessoal. Em outra disciplina, o professor pontuou que uma das funções da literatura é emocionar. Mas como poderia me emocionar quando eu não me via refletido naquela literatura?



Durante algum tempo comecei a buscar espaços plurais dentro da Universidade Federal de Sergipe, espaços estes que estivessem abertos ao diálogo com as relações étnico-raciais e as literaturas afro-diaspóricas. Encontrei o grupo Escrevivências de Mulheres Negras em Diáspora, no grupo fui acolhido e recebi todo suporte para dar seguimento aos meus estudos.

À medida que me envolvi com o grupo e com as pesquisas, minha perspectiva de estudos começou a mudar, comecei a estudar autoras e autores, como Beatriz Nascimento, Severo D'Acelino, Conceição Evaristo, Stuart Hall, Sueli Carneiro, entre outros da área. Após trilhar esse caminho, aquilo que Eco e os meus professores disseram fizeram finalmente sentido. Percebi que a literatura proveniente das vivências e experiências semelhantes às minhas despertam emoções e identificação profunda que nunca havia experienciado com a literatura representada historicamente como canônica.

Durante o período de Setembro de 2020 a Agosto de 2021, participei como aluno voluntário de Iniciação Científica, no plano de trabalho “Representações Literárias nas Obras de Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo”. Este projeto foi uma importante lição para um pesquisador iniciante, durante a pandemia pude estudar e aprender sobre a literatura afro-diaspórica de mulheres negras.

A condição feminina das personagens retrata a situação pós-colonial enfrentada por mulheres negras. Vilma Piedade diz que “mulheres negras resistem, é o que fazem todo dia, toda hora. Frente ao Racismo – filho dileto do processo escravocrata e da colonização”. (PIEADADE. 2019 p. 19). Neste contexto, a literatura afro-latino-americana resiste e refuta a cultura hegemônica que rotulam personagens negros como a-históricos e em estereótipos. Escritoras e escritores negros apresentam novas leituras e possibilidades de oportunizar grupos que foram e vem sendo marginalizados no decorrer da história da sociedade brasileira como sujeitos e protagonistas.

É imprescindível ressaltar a importância de repensar de maneira significativa a violência enfrentada por diversos grupos étnicos, bem como o papel enunciativo desempenhado pela literatura afro-diaspórica na construção de uma nova narrativa literária no Brasil e em diversos países da América Latina, atuando como uma poderosa ferramenta de resistência. Nesse contexto, recorreremos ao discurso de Conceição Evaristo para concluir este conjunto de dados: “Quando escrevo, quando invento, quando crio a minha ficção, não me desvencilho de um corpo-mulher-negra em vivência” e por esse “o



meu corpo, e não “outro”, vivi e vivo experiências que um corpo não negro, não mulher jamais experimenta (...). (Evaristo, 2009, p.18)

Intersecções e Memórias Coletivas a partir de Textos Literários Afro-Diaspóricos.

Este projeto teve início em setembro de 2022 e foi concluído em agosto de 2023. No mês seguinte, deu-se início a um novo ciclo, que se estenderá até agosto de 2024, com possibilidade de renovação para um novo ciclo. O projeto dispõe de três planos de trabalhos, o foco das pesquisas são os estudos da Literatura afro-sergipana intitulados como: “*Traduções de Textos Literários de Beatriz Nascimento e Severo D’Acelino*”; *A Literatura de Cordel e a Poesia Afro-Sergipana e Cânticos de Contar Contos e Panáfrica* *África Iya N’la: Revisitação à ancestralidade Afro-Sergipana.*

A Literatura Afro-brasileira desempenha um papel fundamental na reivindicação da cultura e da história da população negra em diáspora. Autores negros têm utilizado essa forma de expressão para ampliar suas vozes e criar textos literários que representem mulheres e homens negros, que contribuem para valorizar a rica história deste segmento da população. A literatura afro-sergipana é uma vertente da Literatura Afro-brasileira. Os autores afro-sergipanos expressam suas vivências culturais e sociais, revelam a riqueza e a diversidade da experiência desse povo. As expressões literárias desempenham os papéis fundamentais na valorização e no reconhecimento das contribuições históricas e contemporâneas da comunidade negra de Sergipe.

A grandiosidade da Literatura Afro-Sergipana destaca-se nas obras através dos relatos e testemunhos que compõem as obras, enriquece a história e a cultura sergipana, corrobora com a identidade e a memória da população negra em Sergipe. Essa literatura nasce das vivências e experiências do cotidiano, colabora com a cultura brasileira e afro-latino-americana.

Paulo Freire (1987) afirmou que a educação, quando usada de forma estratégica, pode ser uma poderosa ferramenta de transformação e libertação individual. Acreditamos no potencial da educação como meio de inclusão e libertação das estruturas patriarcais e colonialistas, para criar um ambiente seguro e equitativo para todos. Neste contexto, esta pesquisa teve como foco investigar a literatura afro-sergipana, assim como oportunizar textos plurais de literatura de cordel, poesia, contos para alunos da graduação e da pós-graduação, como também aos professores de nossa universidade para que efetivemos as Leis 10.639/03 e 11.6545/08 por intermédio de textos literários, problematizamos o



epistemicídio, através da educação literária, para transformar o cenário educacional e descolonizar o olhar único da visão eurocêntrica e colonialista do imaginário social coletivo.

Além disso, almejamos empregar a literatura como uma poderosa ferramenta de construção identitária para os alunos sergipanos. Desta forma, com este projeto, destacamos e promovemos a inclusão dos trabalhos dos autores afro-sergipanos no ensino de línguas da universidade, oferecemos um espaço dedicado à apreciação e estudo das obras literárias produzidas por autores do estado. Nossa iniciativa visa despertar nos estudantes, uma reflexão profunda sobre a importância de conhecer e valorizar a rica cultura do estado de Sergipe. Ao proporcionar essa experiência, visamos ampliar a compreensão e a apreciação da diversidade cultural presente em nossa sociedade sergipana.

Na mesma perspectiva, a pesquisa *Intersecções e Memórias Coletivas a partir de Textos Literários Afro-Diáspóricos* foi ancorada na Lei 11.645/08, seguindo a legislação, combatemos o racismo, a discriminação e promovemos a igualdade racial e valorizamos a cultura negra. O projeto teve a missão de aprofundar os conhecimentos em Literatura Afro-Sergipana, assim fortalecer as bases do conhecimento sobre a cultura e a história sergipana. O plano de trabalho utilizado oportunizou autorias afro-sergipanas no ambiente escolar, através dos textos literários de autoras e autores afro-sergipanos, resgatou as vozes representadas historicamente como marginalizadas e promoveu o pensamento intelectual e artístico dos autores no ensino de língua estrangeira na Universidade Federal de Sergipe, como também na educação básica.

III- CLUBE DE LEITURAS - ESCRIVIVÊNCIAS DE MULHERES NEGRAS

Com a extensão, desenvolvemos de 2021-2023, o *Clube de Leituras Escrivivências de Mulheres Negras* com o apoio financeiro da Fapitec na Escola Estadual João Batista Nascimento no município de Socorro - Sergipe.

Se no item I, foram desenvolvidos, as relações entre os estudantes da graduação com o início da pesquisa de iniciação científica com as autoras negras afro-latino-americanas. Os impactos alcançados a partir dos estudos literários de autoria negra como: Conceição Evaristo, Carolina Maria; as afro-peruana, Carrillo e afro-portoriquenha Arroyo.



Nesta seção, destacamos as nossas experiências ímpares com a educação básica. Foi observado a linha tênue entre a teoria e a prática, se na iniciação científica, os estudantes envolvidos em seus planos de trabalho recolheram dados, analisaram os eixos de suma relevância para entender como sujeitos pertencentes às mudanças em curso de autores que outrora não liam e não se sentiam pertencentes às narrativas brancocêntricas do sudeste, escritas majoritariamente escritas por homens brancos-cis que trazem um universo totalmente desvinculado a pragmática do nordeste brasileiro.

Na extensão, no Clube de Leituras Escrevivências de Mulheres Negras, iniciamos com *Olhos D'Água* de Conceição Evaristo, livro de contos que representa realidades muito verossímeis aos que os alunos da escola pública de uma periferia vivem em seus cotidianos. Como professoras, a docente da escola pública, Jaqueline Portela, os estudantes da graduação e da pós-graduação unidos aos alunos da educação básica conseguiram estabelecer em uníssono análises e partilhas que estão registradas em nossas memórias coletivas.

O segundo livro lido foi de Lázaro Ramos, *Em minha pele*, que é um texto bem próximo a autobiografia, o narrador nos traz um histórico de sua vida bem empobrecida na Bahia, traz histórias de superação, de conquistas, de racismo estrutural vivenciado por Ramos em diversos momentos de sua história que são desvelados para nós, os leitores. Muitos de nossos estudantes da educação básica se sentiram confortáveis em se expressarem e trouxeram fatos vivenciados por eles e por pessoas próximas, como familiares e amigos, a partir das leituras, dos encontros do clube.

Com isso, foi constatado mais uma vez que a literatura transforma vidas, podíamos fazer uma observação destes estudantes do início do clube ao segundo livro, como tornaram-se alunos mais autônomos e seus argumentos fluíam com mais destreza, frente às suas percepções de leituras diárias.

Acreditamos que é importante pontuar uma *trend* que constou no instagram do clube de leituras com os rostos de todos os estudantes, nós da UFS, a docente da escola pública e que viralizou nas redes e o próprio Lázaro Ramos foi marcado e fez um comentário bem oportuno sobre @projetoescrivencias.

Já, na leitura do *Pequeno Manual Antirracista* de Djamila Ribeiro, as leituras e os debates foram singulares e como tínhamos três bolsistas, antes dos encontros do clube discutíamos textos transversais como o racismo estrutural de Silvio Almeida e os



estudantes da educação básica conseguiram a partir de suas vivências e leituras de mundo depreender as máximas do livro de Djamila Ribeiro.

A época da leitura do *Pequeno Manual Antirracista*, assim como a trend de Lazaro Ramos, o nosso coletivo foi contemplado por Djamila Ribeiro, ela repostou os jovens estudantes com os seus respectivos livros e a equipe da autora procurou uma das coordenadoras para fazer uma visita à escola e ao clube de leituras Escrevivências de Mulheres Negras em 2024.

Quanto ao quarto livro, *Coisa de Preto* de Daniela Bento, tivemos o privilégio de ouvi-la pessoalmente, com o dinheiro que tínhamos, conseguimos trazer a autora para a nossa escola e foi uma tarde ímpar, foi também curioso, pois a autora nos contou como surgiu o título do livro, foi uma forma de problematizar o racismo gratuito de um jornalista que falou algo do tipo “só pode ser coisa de preto” que fez com que Daniela Bento usasse o termo pejorativo em um livro tão significativo que abordou diversa(o)s intelectuais negra(o)s que fizeram e fazem a história de nosso país.

No penúltimo livro estudado - *Para Desgraça - uma quarta para não esquecer* de Leno Sacramento, livro de memórias que denuncia a polícia militar de Salvador que baleou Sacramento e este não morreu no dia, por conta da coletividade de amigos e familiares, pois, seria mais um homem negro morto pelas mãos do estado armado e genocida que lê todos os não-brancos como delinquentes e/ou bandidos.

A leitura e o debate do livro suscitou grandes reflexões em diversos estudantes de nossa escola que já foram alvos de baculejos da polícia militar, na mesma perspectiva analítica, é interessante observar que Leno Sacramento, apesar de todas as dores que a violência do braço armado do estado o atravessou, ele criou uma estratégia, a partir da literatura para fomentar o aprendizado para os adolescentes e os jovens contemplaram o poder literário afrodiaspórico de histórias tão dolorosas que ainda hoje forjam o nosso cotidiano.

O nosso último livro foi *Quarto de Despejo - diário de uma favelada* de Carolina Maria de Jesus, a leitura foi visceral, assim como foram os demais textos afro-brasileiros no decorrer dos debates e encontros, neste pequeno intervalo de tempo constatamos como os papéis sociais dos personagens dos contos de *Olhos D'água*, de Conceição Evaristo.

Assim, como a poesia de Carolina Maria de Jesus reverberam e problematizam diretamente o *status quo* dos que têm tudo frente aos que possuem apenas sonhos como a autora destacada. Jesus traz um texto que apresenta a história de milhões de famílias



empobrecidas - conta que a fome, a miséria, a falta de moradia e de direitos básicos é uma construção política por parte do Estado.

Para concluir, foram tantos não que a personagem histórica, Carolina Maria de Jesus teve em sua vida, da infância à fase adulta, ao ponto de fazer com que muitos estudantes, a partir do debate crítico e dos temas destacados desenvolvessem suas autopercepções do que é o letramento racial em nosso clube.

CONCLUSÃO

Quando refletimos sobre as experiências de profissionais da educação antirracistas, notamos as barreiras e os obstáculos enfrentados em consequência das práticas discriminatórias estruturais da sociedade. Em suas práticas, os profissionais são confrontados com padrões racistas que moldam a sociedade. Tais experiências ilustram como o racismo estrutural permeia as esferas da vida cotidiana.

[...] é no interior das regras institucionais que os indivíduos se tornam sujeitos, visto que suas ações e seus comportamentos são inseridos em um conjunto de significados previamente estabelecidos pela estrutura social. Assim, as instituições moldam o comportamento humano, tanto do ponto de vista das decisões e do cálculo racional, como dos sentimentos e preferências. (ALMEIDA, 2019. APUD. IMMERGUTT, 2006).

A aplicação destas dinâmicas institucionais no contexto educacional é notória nas políticas e práticas de funcionamento das instituições educacionais. Na formulação dos currículos, no cotidiano escolar, nas normas e nas regras das instituições contribuem para reprodução das desigualdades sociais. Tendo como exemplo, a falta de representatividade nos materiais didáticos, como também a ausência de discussões sobre diversidades étnico-raciais nos currículos somam para o apagamento das experiências das comunidades afrodescendentes e indígenas. Os padrões destacados refletem o racismo institucional e a perpetuação de estereótipos e preconceitos.

Como resultado, elas tendem a tomar decisões e estabelecer políticas que refletem seus próprios interesses e perspectivas. Políticas essas que empregam uma série de estratégias para consolidar o seu domínio sobre esses espaços. Assim como destaca Silvio Almeida.

Como efeito do domínio exercido pelas elites sobre as instituições, é possível observar o afastamento de grupos minoritários desses espaços, o que resulta na falta de representação. A institucionalização dos interesses das elites, conforme destacado por Almeida (2019), cria um ambiente em que os interesses das pessoas não brancas são



desfavorecidas. Esse processo, por sua vez, perpetua a exclusão e a desigualdade, afastando grupos minorizados das esferas de poder e decisão.

Podemos destacar, a exclusão que a produção intelectual negra sofre no estado de Sergipe. Como apontado por Grada Kilomba (2018), a elite intelectual tende a tratar os estudos e conhecimentos negros como temas específicos, enquanto os temas produzidos pela elite acadêmica branca, são considerados universais. Tanto nas universidades, como em lugares de poder é notável a falta de representatividade negra e de outros grupos em ambientes predominantemente compostos por homens brancos. Isso é um exemplo de como as identidades culturais podem ser mal compreendidas ou desvalorizadas. Assim, cabe destacar o que:

Os espaços de poder são ocupados pela branquitude, essa se torna um empecilho para que intelectuais, pesquisadores, autores e estudantes negros tenham os seus discursos reconhecidos e valorizados no campo intelectual. A exclusão de pessoas negras é um projeto institucionalizado no ambiente acadêmico. A produção negra sofre com o apagamento da episteme negra e com o racismo existente nessas relações.

A Lei 11.645/2008 representa um avanço significativo na promoção da igualdade racial na educação no Brasil. Após mais de dezesseis anos da adoção da Lei, ainda há problemas graves para sua implementação. Não são ofertados aos educadores cursos de capacitação e os recursos adequados para a efetivação das práticas pedagógicas.

Esta carência na formação dos professores impede a implementação da Lei 11.645/2008. A invisibilidade e o apagamento das contribuições dos afrodescendentes na história e na cultura brasileira e indígena são frutos da falta de formação qualificada dos docentes.

Além disso, políticas de ações afirmativas, como as cotas raciais, são “políticas dirigidas à correção de desigualdades estruturais, por meio de medidas tendentes a promover a igualdade de oportunidades para membros de grupos sociais vulnerabilizados” (VAZ, 2022, p. 31). Tais políticas buscam reparar as desigualdades históricas de acesso ao ensino superior e promover a diversidade dentro das instituições de ensino, e também garantir a representatividade dentro das instituições de ensino superior.

Contudo, convém ressaltar que as cotas raciais não são uma resolução permanente para mitigar as disparidades educacionais. Além das medidas destinadas para a permanência estudantil, é necessário a implementação de programas complementares de



suporte, acadêmico e financeiro. Ademais, é fundamental avaliar os efeitos das políticas de cotas, a fim de averiguar a eficácia e a execução dos objetivos propostos.

O sistema educacional do Brasil encara desafios estruturais e complexos. A escassez de recursos e a deficiência na formação dos professores, conforme citado anteriormente, são apenas uma parte no cenário educacional brasileiro. Além desses entraves, é crucial reconhecer a urgência de políticas públicas mais abrangentes e investimentos contínuos para lidar com os desafios que impactam a educação em todas as suas esferas.

Além disso, a falta de representatividade nas instituições decorre, em grande parte, do domínio exercido pelas elites, tais grupos frequentemente desenvolvem estratégias para manter seu domínio sobre estes espaços. Por este motivo, é importante a resistência e a luta por representatividade nos espaços acadêmicos, esta luta emerge de uma resposta histórica devido à exclusão e a marginalização enfrentada por grupos historicamente sub-representados. Essa luta se manifesta de diversas formas, desde a criação de coletivos e grupos de estudos para a promoção da produção intelectual desses grupos, tal como o grupo Escrivências de Mulheres Negras em Diáspora, com o intuito de visibilizar e ampliar o debate dessas temáticas, para o enfrentamento do epistemicídio e racismo estrutural, assim como o Kizomba dos Saberes, plataforma digital afrocentrada que facilita aos usuários planos de aula, sugestões de atividades para a promoção do patrimônio material e imaterial sergipano.

Em face aos desafios e às discrepâncias presentes no cenário educacional, é imprescindível adotar medidas eficazes que visam mitigar essas disparidades. Enfatizamos algumas iniciativas, tais como a ampliação da abrangência dos currículos, incorporando temas relacionados à história e a cultura afro-brasileira e indígena, além da integração de diferentes saberes durante o processo de ensino e aprendizagem. Também se mostra essencial, valorizar e legitimar as expressões culturais afro-brasileiras e indígenas, tanto nas salas de aula como no cotidiano e pessoal de nossos estudantes da educação básica a pós-graduação, como forma de desconstruir estereótipos e fomentar a valorização da diversidade.

Por meio dessas ações, almejamos estabelecer um ambiente educacional mais inclusivo, rico em diversidades e pautado pela democracia, contribuindo para a edificação de uma sociedade mais equitativa e solidária para todos os seus integrantes.



REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio. Racismo Estrutural. São Paulo: Jandaíra. 2019.
- ALVES, M. (2011). A LITERATURA NEGRA FEMININA NO BRASIL – PENSANDO A EXISTÊNCIA. *Revista Da Associação Brasileira De Pesquisadores/as Negros/As (ABPN)*, 1(3), 181–190. Recuperado de <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/280>
- ARROYO PIZARRO, Yolanda.Violeta. Madrid: Editorial EGALES,2014.
- ARROYO PIZARRO, Yolanda Transcaribeñx.Madrid: Editorial EGALES, 2017.
- ARROYO PIZARRO, Yolanda. Todes Nosotres. Carolina, Puerto RICO: BOREALES, 2019.
- ARROYO PIZARRO, Yolanda. Las Mujeres sí hablan así. Carolina, Puerto Rico, 2017.
- ARROYO PIZARRO, Yolanda. Epidemiología. Cuentos,2010.
- BENTO, Cida. O pacto da branquitude. São Paulo: Companhia das Letras. 2022.
- BENTO, Daniela. Coisa de Preto. 1.ed. Fortaleza, CE: Ganesha Produções, 2021.
- BRASIL. Lei nº. 7506. 7.716, de 5 de janeiro de 1989. Lei Antirracismo; Lei do Racismo; Lei do Crime Racial. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 6 jan.1989. Disponível: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7716.htm, acesso em 15 de agosto de 2016.
- BRASIL. Lei nº. 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 10 jan.2003. Disponível: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm, acesso em 28 de mar 2024.
- BRASIL. Lei nº.7506. 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”.
- BRASIL. Lei nº.12.288, de 20 de julho de 2010. Institui o Estatuto da Igualdade Racial; altera as Leis nos 7.716, de 5 de janeiro de 1989, 9.029, de 13 de abril de 1995, 7.347, de 24 de julho de 1985, e 10.778, de 24 de novembro de 2003. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 21 jul. 2010. Disponível: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112288.htm, acesso em 28 de mar 2024.
- BRASIL. Lei nº. 12.711, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 30 de agosto, 2012. Disponível: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112711.htm, acesso em 28 de mar 2024.
- BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília: Ministério da Educação, 2004.
- CARNEIRO, Sueli. Dispositivo de Racialidade. Rio de Janeiro: Zahar. 2022.
- BENTO Cida. Pacto Narcísico da Branquitude. 1ª. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o Feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: ASHOKA Empreendimentos Sociais; TAKANO Cidadania (Orgs.) Racismos contemporâneos. Rio de Janeiro; Takano Editora, 2003. Disponível em: <<http://www.unifem.org.br/sites/700/710/00000690.pdf>. > Acesso em 28 de mar 2024.

CARRILLO, Mónica, Unícroma. Lima: Ediciones El Santo Oficio: agosto de 2007.

DA SILVA, Paulo Vinicius Baptista. DA MIRANDA, Shirley Aparecida. Sobre a pesquisa Educação e Relações Étnico-Raciais. Educar em Revista, v. 34, n. 69, p. 09–16, maio 2018.

DE ALMEIDA, Fabiana Alves. Educação antirracista na formação inicial de docentes: uma proposta de conscientização. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Taubaté. São Paulo, p.178. 2023.

DE CARVALHO, T. R.; SOUZA GAUDIO, E. A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA NA PRIMEIRA INFÂNCIA: POR UMA EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), [S. l.], v. 12, n. 33, p. 160–177, 2020. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1007>. Acesso em: 29 mar. 2024.

D'ACELINO, Severo. Cânticos de Contar Contos. Revisitação à Ancestralidade Afro Sergipana. Aracaju: J. Andrade, 2019.

D'ACELINO, Severo. Raízes Negras. Aracaju: J. Andrade, 2019.

D'ACELINO, Severo. Opará Revisitado. Aracaju: J. Andrade, 2016.

D'ACELINO, Severo. Quelóide. Aracaju: J. Andrade, 2018.

D'ACELINO, Severo. Panáfrica África Iya N'La. Aracaju: MemoriAfro, 2002.

DOS SANTOS, Júlia Evangelino. DE MELLO, Janaina Cardoso. Fonseca Mariana Bracks. Autorias

decoloniais. 2a ed. São Cristóvão: Editora UFS, 2023.

ECO, Umberto. Sobre algumas funções da literatura. In: Sobre a literatura. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2003.

EMERSON N. DOS SANTOS, R.; COUTINHO SANTOS, R. DESAFIOS PARA A IMPLEMENTAÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NO ENSINO DE GEOGRAFIA: OS CONFLITOS NA PRÁTICA COTIDIANA DE PROFESSORAS(ES). Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), [S. l.], v. 12, n. Ed. Especi, p. 78–108, 2020. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/855>. Acesso em: 29 mar. 2024.

EVARISTO, Conceição. Olhos D'Água. 1.ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2016.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. SCRIPTA, Belo Horizonte, v.13, n.25, p.17-31, 2ºsem 2009.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. Belo Horizonte. SCRIPTA. 2º semestre de 2009; 13(25):17-31.

EVARISTO, Conceição. Ponciá Vicêncio. Belo Horizonte: Mazza, 2003.



- EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2013.
- EVARISTO, Conceição. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. 2. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2016b.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos/ organização Flavia Rios, Márcia Lim*. - 1a.ed. - Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- GOVERNO DO ESTADO DE SERGIPE. Disponível em: https://www.se.gov.br/secom/noticia/projeto_incentiva_a_literatura_afro_brasileira_na_educacao_basica_do_colegio_estadual_joao_batista_nascimento. Acesso em 29 de março de 2023.
- HOOKS, Bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo Martins Fontes, 2013.
- IPHAN. Patrimônio Mundial Cultural e Natural. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/29> Acesso em 28 de mar 2024
- JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*. 1 ed. São Paulo: Ática, 2020.
- JESUS, Carolina Maria de. *Diário de Bitita*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- KILOMBA. Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó. 2020.
- KIZOMBA DOS SABERES. Disponível em: <https://www.kizombadosaberes.com.br/>. Acesso em: 28 de mar 2024.
- NASCIMENTO, Beatriz. *Eu sou Atlântica sobre a trajetória de Beatriz Nascimento*. Alex Ratts. São Paulo. Instituto Kuanza, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.
- PIEIDADE, Vilma. *Dororidade*. São Paulo: Ed. Nós. 2017.
- PROJETO ESCREVIVÊNCIAS. *Ações que o Projeto Escrevivências de Mulheres Negras realiza. Nossa Senhora do Socorro*. 7 de Junho de 2023. Instagram: @projetoescrivivencias Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CtNKti3LT0Z/?igsh=MTFjZTVpZGZmMmZmbg==> Acesso em: 28 de mar 2024
- RAMOS, Lázaro. *Na minha pele*. 1a. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2017.
- RIBEIRO, Djamila. *Pequeno Manual Antirracista* - 1.ed - São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- SACRAMENTO, Leno. *Para Desgraça uma quarta para não esquecer*. 1 ed. São Paulo: Selin Trovoar, 2021.
- SANTOS, Julia Evangelino dos; MELLO, Janaina Cardoso & FONSECA, Mariana Bracks. *Autorias Decoloniais. Exibição das obras para maior conhecimento*. IN: *Eu não sou uma pesquisadora/autora? Interseccionalidade de raça e gênero nas ementas das disciplinas das Pós-Graduações em Ciências Humanas na UFS* - aprovado com bolsa Mulher na Academia IC (Pibic) no EDITAL TEMÁTICO no 02/2023 COPES/POSGRAP/UFS - 01/06/2023 a 31/12/2023 da Universidade Federal de Sergipe (UFS).



SILVA, Geová Alves da. SILVA, Geovan João Alves da. Identificando a cultura afro-brasileira e africana: Patrimônio imaterial e patrimônio material. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 05, Ed. 06, Vol. 04, pp. 64-72. Junho de 2020. ISSN: 2448-0959, Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/identificando-a-cultura>, Acesso em: 28 de mar 2024.

SILVA, Paulo Vinicius Baptista da; RÉGIS, Kátia Régis & MIRANDA, Shirley Aparecida. (Organizadores). Educação das relações étnico-raciais [recurso eletrônico]: o estado da arte \ Paulo Vinicius Baptista da Silva, Kátia Régis, Shirley Aparecida de Miranda, organizadores. – Curitiba: NEAB-UFPR e ABPN, 2018.

SILVA, Ana Tereza Reis da; ALMEIDA, Bárbara Ribeiro Dourado Pias de; LIMA, Lurian José Reis da Silva. AVANÇOS E DESAFIOS NA IMPLEMENTAÇÃO DA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NO BRASIL. SciELO Preprints , 2023. DOI: 10.1590/SciELOPreprints.6830. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/6830>. Acesso em: 29 mar. 2024.

WERNECK, Jurema. Nossos Passos vêm de longe! Movimentos de Mulheres Negras e Estratégias Políticas contra o Sexismo e o Racismo. Revista da ABPN, Associação Brasileira de Pesquisadora(e)s Negros (a)s. v.1, n.1 -mar-jun de 2010 (p.08-17). Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4962102/mod_resource/content/1/Nossos%20passos%20v%C3%A1m%20de%20longe%21%20Movimentos%20de%20mulheres%20negras%20e%20estrat%C3%A9gias%20pol%C3%ADticas%20contra%20o%20sexismo%20e%20o%20racismo%20%281%29.pdf. Acesso em 30 de maio de 2024.

VAZ, Lívia Sant'Anna. Cotas Raciais. São Paulo: Jandaíra. 2022.

Recebido em: 30/03/2024

Aprovado em: 30/05/2024